

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director — ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente — RABINO BAPTISTA.

ANNO II }

Fortaleza, 15 de Março de 1895.

{ NUM. 12.

SUMARIO.—Os quinze dias, Moacyr Jurema;—As manchas do sol e as seccas, Rodolpho Theophilo;—Contrastes, Bruno Jacy;—Adesão, —Primeira hypothese, Moacyr Jurema;—Segunda hypothese, Frivolino Cavavento;—Terceira hypothese, Satyro Alegrete;—Quarta hypothese, Abdoul Assur;—Diversas hypotheses, André Carnabuba;—Despedida, Bento Ernesto Junior;—O trem de ferro, Eduardo Saboia;—Meus annos, N. de Castro;—Bibliographia, M. L.;—Dois Mendigos, Lopes Filho;—O Sereno, Gil Navarra;—Recorridões, Franco do Valle;—Heliotropia, Roberto de Alencar;—Recados, M.;—A nossa correspondencia;—Carteira.

Os quinze dias

Em uma vez...

Palavra como estava com vontade de impingir-lhes uma historia do Francisco, a falta de assumpto chronicaavel.

A minha investidura no posto de chronista, si não foi positivamente o que a imprensa politica costuma chamar—um presente grego—não deixa de ser uma dessas missões que a gente aceita para não dar parte de fracasso, mas que (este mas que é ainda uma lembrança do carnaval), mas que, dizia eu, dão mais trabalho que gloria.

Regis faz bom cabello encetar uma desena de tiras em dia determinado sem determinado assumpto e quer chova quer faça sol?

Si ao menos em fosse um desses furacões que percorrem todos os recantos da cidade a farejar novidades, e, deitando verdes pra colher maduras, tem aries de arrancar aos incautos segredos occultos sob sete chaves, talvez podesse offerecer aos leitores uma chronica de sensações.

E nessas circumvolucões, de certo me teria encontrado com o Sr. João José Rodrigues Vieira, professor fluminense, que por aqui andou em excursão pedagogica, sem que ninguém tivesse notado a sua presença e apresentando portanto as suas intenções.

So pelo *Diario de Pernambuco* foi que se soube que o sagraz pedagogico havia visitado as nossas escolas e notado o seu lastimavel atraso.

Não pertengo ao numero dos que censuram ao Sr. Rodrigues Vieira o ter-se prevalido da incognita para fazer a offerta a sua missão; acho, ao contrario, que S. S. fez muito bem em ter feito a coisa como quer não quer e querendo.

Procedendo inversamente, os professores se teriam posto alerta, e a triste verdade seria cuidadosamente mascarada.

Os trastes dos visinhos seriam tomados emprestados para enfeitar as escolas, as teias de aranha seriam energeticamente espanadas, e os alumnos, com a lição na ponta da lingua, fariam um figurão no dia da annunciada visita do professor fluminense.

E o emprestimo não se limitaria aos trastes do proximo, mas abrangia tambem os filhos, que, pela primeira vez transportam o fimiar da escola onde os pais nunca os haviam mimado por preferirem pagar mestres particulares.

Procedendo como procedeu, ponde o Sr. Rodrigues Vieira ver a coisa tal como é e como a contou no *Diario de Pernambuco* sem nos fazer injustica alguma.

Poi não a impressão do Sr. R. Vieira, e não podia deixar de sê-lo.

Diz o nosso collega d'A *Republica*, que essa má impressão não nos deve acabrunhar e até bem pode ser-nos (este ser-nos é do collega) favoravel.

Não vejo como, e nem penso que para avaliar-se seja preciso ter-se conhecido da alma do Sr. Vieira, como insinua o collega.

Que importancia teria nesta questão o conhecimento da alma do homem?

Eu, pela minha parte, declaro que não preciso absolutamente conhecer a alma do Sr. Vieira para saber que S. S. teve carradas de razões, quando affirmou que as escolas desta capital não o haviam impressionado bem.

Apenas duas d'ellas estão installadas em bons edificios, falando-lhes, porém, todos os instrumentos e accesorios requeridos pelos novos methodos de ensino e até mesmo os utensilios de primeira necessidade.

Quanto as condições hygienicas nem é bom falar.

A maioria das nossas escolas funciona em pequenas e asphyxiantes salas sem ar, sem luz, sem aquecimento e desprovidas de cousas estritamente indispensaveis.

A prova mais evidente do descabimento da nossa instrucção publica é a sãria concorrência que lhe faz a instrucção particular, que é por sua natureza mais atrahente e mais proveitosa, visto como os que a exercem precisam esforçar-se para que lhes não falte a clientela.

Si um capital é assim, o que não será no interior?

Uma escola conheço eu, não muito longe da capital, em condições tão precarias, que desperta o riso a quem a visita.

A mesa da professora é um caixão coberto com um panno, e os alumnos se sentam em cadeiras que trazem de casa.

Adornando as paredes da sala, enja pavimento é de terra socada, vê-se apenas uma fornida palmatoria, que ainda não está aposentada como deveria estar juntamente com a fossil preceptora que a maneja.

A vista disto é do mais que consta, não sei eu quem vá censurar ao Sr. R. Vieira, pelo mal que disse das nossas escolas, que S. S. surpreendeu em trajes caseros ou mesmo em trajes menores.

Neste estado ellas não poderiam impressionar bem a ninguém, maxime a um professor da Capital Federal, onde se presume que o ensino publico possui os requisitos exigidos pela pedagogia moderna.

Não houve, pois, pessimismo por parte do Sr. Rodrigues Vieira. S. S. levou mesmo a sua delicadeza ao ponto de não externar aqui a sua decepção, indo fazê-lo no Recife, em conversa particular com a redacção do *Diario*.

Em todo o caso fico esperando que o excursionista publique o resultado das suas investigações, e si porventura ultrapassar os limites da critica imparcial, então va desde já tremendo, em certeza de que hei de desancal-o impiedosamente.

Organise o Sr. Vieira o seu relatório, que eu vou organisando uma collecção de termos aggressivos para acachapal-o, na hypothese de dizer S. S. das escolas cearenses, com a peior do que disse Guerra Junqueiro das escolas portuguezas.

Ha de dizer tanto mesmo em portuguez mais do que isso não aguento e é racho-o!

AS MANCHAS DO SOL E AS SECCAS

III

Se pensassem assim os membros do Instituto não sustentariam a influencia das manchas solares sobre as seccas, quando no periodo de 1863 annos so duas vezes coincidiram os dois phenomenos!

Sendo a observação em tal materia o unico meio de nos approximar da verdade, deixei passar o tempo e volto hoje escudado em mais 15 annos de observações a sustentar o que escrevi sobre tal assumpto.

A ultima secca geral que tivemos foi a de 1877 que se prolongou até..... 1879. Para avaliar os seus effeitos basta consultar o quadro das observações pluviometricas.

As chuvas caídas no primeiro d'esses annos criticos não deram nem para crear pastagem para os gados o muito menos legumes e cereaes.

Quatrocentos e setenta e tres milímetros d'agua em dose mezes recebeu a terra em chuvas mal descrehidas, que voltaram ao espaço antes de beneficiar as plantas, que um sol abraçador torrava.

Homens e rebanhos, n'um adondado remoinho, espalharan-se do terra a fora, como um enxame de abelhas desalojado repentinamente da colmeia.

Em 1878 as manchas do sol haviam tocado ao minimo, contavam-se 21 manchas, e a altura do pluviometro em Fortaleza em dose mezes foi de 589 milímetros.

Nesse anno as chuvas foram mais abundantes, houve um acrescimo de 107 milímetros, muito embora houvesse decrescido o numero de manchas, pois, em 1877 contavam-se 48 manchas, o duplo d'esse anno. As manchas diminuiam do numero e a quantidade d'agua augmentava; tanto foi assim que em 1878 os gados que escaparam da fome e da peste encontraram pastagem abundante quer no litoral, quer no sertão.

As chuvas foram entretanto insufficientes para crear legumes e cereaes.

A população sertaneja continuou a soffrer fome e a se deslocar em demanda da capital da provincia, e a pequena emigração para fora do Ceará, que poderiam ter sido evitadas por um governo mais intelligente e sabio, quasi despovoou a provincia.

Foi sem duvida esse dos tres annos de secca o mais critico.

Em 1879 começou o periodo crescente das manchas solares. O numero duplicou passou de 21 manchas a 48. A superficie do chromosphero apresentava o mesmo aspecto que em 1877; era de suppor que as chuvas fossem escasas como n'aquelle anno, mas tal não aconteceu.

O pluviometro recolheu nos dose inezes, em 71 chuvas, em Fortaleza 596 milímetros. Essa quantidade d'agua ainda não foi bastante para que a lavoura produzisse fructos. A terra estava ressequida; apenas nas serras e nos antigos brejos colheram-se legumes e cereaes.

A industria pastoril, quasi aniquilada, conservava os poucos rebanhos, que escaparam em 1877, sem sacrificios,

pois a pastagem abundava por toda parte em quantidade mais que sufficiente para o numero de rebanhos a alimentar.

A população do Ceará quasi inteiramente deslocada, vivia em sua maioria uma vida de miseria, a receber rações a porta dos celeiros do governo.

A emigração para fora havia estancado mais, e a peste pouco victimava graças as sabias medidas e ao patriotismo do presidente de então.

Chegou o anno de 1880, e mais foram os prodromos de inverno em sua entrada. Os mesmos ventos de leste e sueste a varrer o espaço!

Nem um cumulo se acastellava no horizonte. Tudo fazia crer na continuação do flagello. A noite seccavam-se os olhos de horizonte a fora procurando ver um relampago, e apenas viam-se meteoros cambiantes que se cruzavam nas profundezas do espaço.

Os partidarios da influencia das manchas do sol sobre as seccas agou-ravam mal do inverno, pois o numero das manchas do sol era ainda muito baixo.

No chromosphero contavam-se 416 manchas e por isso pouco poderia cho-ver.

Nessa angustiosa expectativa estavam os habitantes do Coara, quando no dia 14 de Março os ventos reinantes mudaram de ruído, fuzilou o relampago, ribombou o trovão e começou copioso inverno sem que as manchas do sol tivessem augmentado de numero. Estava acabada a calamidade que durante trez annos espiacelou a familia coarensa cobrindo-a de miseria e até de approbrio! Uma vez regada a terra abundantemente, a população deslocada voltou aos lares, aos labores da vida campezina e em breve os fructos das searas davam-lhe a abundância e a independencia do trabalho.

Embora fossem as manchas do sol em numero limitado em 1880, contado a altura do pluviometro chegou a 1,539 mil.

Para mais firmar a falta absoluta de coincidência entre o numero de manchas solares e as chuvas que cahem no Ceará transcrevo o quadro das manchas do sol publicado por Flammarion e ao lado de cada anno a altura do pluviometro em Fortaleza n'esses ultimos quinze annos.

ANNOS	N. DE MANCHAS	MILL.
1880	416	1,539
1881	730	1,327
1882	1,002	1,245
1883	1,175 (maxima)	1,410
1884	1,079	1,175
1885	811	1,219
1886	381	1,410
1887	179	1,333
1888	—	700
1889	— minima	745
1890	—	1,101
1891	—	819
1892	—	1,268
1893	— maxima	1,312
1894	—	2,417

Do quadro acima vê-se que de 1889 a 1894 duas vezes as manchas do sol tocaram ao minimo, mas a altura do

pluviometro foi inferior ao anno de 1880 que se elevou a 1,539 mil., embora numero de manchas fosse de 416!

A notavel coincidência entre os dois phenomenos secca e minima de manchas, grandes invernos e maxima de manchas tão palpavel para o Sr. Barão do Capangema, desapareceu completamente em face dos dados que publiquei. Em vez de coincidência notavel ha discordancia manifesta entre os dois phenomenos cosmo e meteorologico.

Por mais que se procure uma harmonia entre aquelles phenomenos não se encontra.

Não se pode dizer que a quantidade de chuva augmenta na razão directa do numero de manchas e nem tambem que diminui. O numero de manchas ás vezes augmenta e a chuva diminui; o numero de manchas diminui e a chuva augmenta. Se observarmos o movimento das manchas solares e a altura do pluviometro veremos que em 1839 marcou o instrumento 1539 mil e apresentou o sol 416 manchas. Era o periodo crescente, tanto assim que em 1881 o chromosphero deixava ver 730 manchas e a chuva em vez de augmentar diminuia, apenas marcava o pluviometro 1,327 mil. Em 1882 cresceu o numero de manchas, chegou a 1,002 e a agua que cahia em Fortaleza apenas deu para o instrumento registrar 1,245 mil; decrescia. O anno de 1883, assignalado pelas grandes revoluções que se passavam no sol, revoluções que se faziam sentir na terra, interrompendo a telegraphia desorientando a bussola, não se fez notavel influindo sobre a quantidade de chuva. O chromosphero deixava ver 1,175 manchas, e, em plena maxima, marcava o instrumento 1,410 mil, quando em 1880 quasi em minima e apenas com 416 manchas, o pluviometro registrava 1,539 mil.

No periodo decrescente, n'ava-se a mesma discordancia. Em 1881 decresceram as manchas e as chuvas, mas em 1885 decresceram somente as manchas e augmentou a quantidade d'agua.

Em 1881 foi notavel o decrescimento das manchas mas notavel tambem foi o augmento da chuva que chegou a 1,110 mil, quasi a quantidade da maxima—Em 1888 e 1889 decresceram as manchas e as chuvas, para augmentarem em 1890, as manchas obedecendo as leis que as regulam, mas a chuva sensivelmente pois foi quasi o duplo do anno de 1889.

Em 1891 as manchas augmentaram e a quantidade d'agua diminuiu notavelmente, sendo quasi metade da do anno anterior.

Em face de todos estes dados, de todas essas observações não se pode admitir a influencia das manchas do sol sobre a quantidade d'agua que cahe sobre a terra nas regiões flagelladas pelo phenomeno climaterico chamado secca.

RODOLPHO THEOPHILLO.

ADEUS!

Uma tarde destas, tarde nostálgica e serena, estavam divorçados Padeiros a palestrar em casa de um collega, quando alguém excoetou no piano o delicioso *Adens!* de Sidney Smith.

Calaram-se todos, e finda a musica, cada um manifestou a impressão que ella lhe havia causado.

— Pois escrevamos essas impressões, lembrou alguém.

Accepta a idea, combinou-se uma reunião no dia seguinte a fim de se fazer a exhibição do que cada qual houvesse escripto sobre o thema—*Adens!*

Eis o resultado desse curioso torneio:

PRIMEIRA HYPOTHESE

*Beijou a mão da noiva, e, erguendo
O olhar carect, elle factou-se...
O sol, no occaso as pozou-se atufando
Derriam-se uma luz pallida e doce.*

*Ella, a oiz lacrymosa leantando,
«Adens!» bradon-lhe «Adens!»... «Elle
colou-se*

*Foi-a louca, os braços agitando,
Qual si do Desespero a imagem fosse.*

*Elle como os dedos atiron-lhe um beijo...
Sentiu no peito um soluçante arquejo...
Seus olhos inundaram-se de pranto.*

*Partiu de novo... E ella ficou encindo
Um tropellento, lento se extinguindo...
E a noite encolou tudo no seu manto*

MOACYR JUREMA

SEGUNDA HYPOTHESE

Por uma brumosa manhã em que o orvalho cubria das tremulas folhas das arvores, elle partiu, nevooso e pallido, sentindo n'alma a sensação dolorosa e doentia de quem deixa gravada na pupilla azul da creatura amada a fumaça recordação de uns dias felizes.

Ella n'um extase amoroso seguia-o com o olhar, como que petrificada pela saudade que lhe rasgava o coração magoado.

Pensativo seguia, ora contemplando vagamente a paisagem encantadora que se desdobrava, ora acompanhando com o olhar, distrahidamente, o vôo rapido de uma ave que cortava o espaço.

Sein consciencia de seu estado deixava o cavallo andar a vontade, sem fustigá-lo com o chicote e sem mesmo esporná-lo. E assim se ia afastando do lugar onde deixou um pedaço de seu ser, onde havia passado momentos de supremo gozo, esquecido do resto do mundo.

O sol abraçava e torturava com seus raios ardentes as faces dos que usavam transpor aquellas paragens.

Sumiu-se por entre os altos montes a casa d'ella, e não mais se ouviam os sons tristes d'aquella musica que lhe amollentava a alma, fazendo-o cahir num languido torpor, anestesiando todas as suas faculdades erodoras.

Hoje elle bendiz aquella musica saudosa, evocadora de momentos de supremo gozo.

21 de Fevereiro de 1895.

FRIVOLINO CATAVENIO

TERCEIRA HYPOTHESE

*Batida a mar potente e soberano,
e elle arreoso, tremulo, febreiro
disse-lhe adens... Que estivo sobre
humano
fez p'ra vent'ora um arpo solimento!*

*Depois foi-se a mar, e lento e lento
retalhando as entranchas do oceano,
e ella a titulo inerte, sem alento,
sentiu no alma um despeto insano...*

*A preparação que havia se afastou
elle em adens teinissim' mandou
a doce amada, lhe agitando a lenço.*

*Emprantando na praia inconsciente,
abrigou-a o hor' tristamente
no immenso curra do horizonte im-
mense...*

Croci, 21 - II - 1895

SATYRO ALEGRETE

QUARTA HYPOTHESE

Uma tristeza como a que flutua nas turdes e nos heliotropos, ao despedir-se o sol, tenemente esmorecia o semblante d'elles.

A locomotiva fumarenta atirou um grito estridulo, ironico, atordoante, e partiu.

Silenciosas olharam-se; uma rapida contemplação enlaçou-as, radiosamente, em um adeus amoroso e intimo, tão amoroso e tão intimo que só elles o comprehendenderam.

Começou a rolar no espaço o sussurro vertiginoso, estranho do trem correndo.

Na janella do carro, franzina mão tremulou, acenando, acenando...

Depois tudo desapareceu como um sonho.

Immovel, no mesmo lugar em que ressoou a despedida do ultimo olhar que a sua amada lhe enviou, elle, preso pela emoção, ficou a fixar o deserto caminho, por onde ella passara, deixando recordações.

N'um violino distante, estremeciam vibrando, as notas d'uma musica doente e triste, traduzindo inconscientemente toda a magoa, toda saudade que em sua alma n'aquelle momento soluçavam.

E o rumor nostalgico, fugitivo, longinquo do trem m-se somorisando na poeirenta estrada.

ABDIL ASSER.

DIVERSAS HYPOTHESES

(Ao José Nave)

A agradável impressão que produo o *Adens* de Sidney Smith desperta n'alma de outros uma melancolia aprazivel, uma tristeza que não é o effeito do desgosto, uma suave emoção que entenece ao mesmo tempo que delicia e enleia, um sentimento indefinido, como o que acorda o vago, o longinquo, o desconhecido, a saudade.

Ent'um influ de modo diferente, Esta, como toda musica sentimental, abala-me violentamente o organismo e excita-me a sensibilidade até as lacrimas.

Lembra-me, ao esmaecer da tarde, nessa hora opacida da sombra que

vem enlaçando os plaios, o som amodo do gino da aldeia, emocionando aquelle que viu partir a noiva, e que acotado no alto, com os olhos envidados na curva do caminho, por onde desapparecera o ultimo cenodo lenço branco, desfaz-se em pranto, que mais augmenta ao grande silencio das estrellas.

Lembra-me, na hora da despedida, o abraço de madeiro da mãe extremosa ao filio idolatrado, cujos peitos se compriment' n'uma angustia de morte, cujas lagrimas se confundem n'um excesso de amor; scena dolorosa em que a idea da separação soffoca a voz na garganta e altera o semblante desbotado pela dor, e que se conclue com a desaparición do barco lá na cunha azul do horizonte, ficando somente a solidão das aguas, o infinito interminavel e triste, a toada melancolica da vaga a infundir em eterna saudade.

Lembra-me, na alcova agonizante sobre o leito, a pobre mãe viuva, moça e bella ainda, que deixa na orphandade loira creancinha, a quem na extrema agonia inda procura com o olhar turvo, amotecido, quasi apagado pelas lagrimas, e ella junto ao cadaver, n'uma inconsciencia dolorosa do subito desamparo, chama com voz magoada: maman! maman! julgando talvez reviver o seio brando que lhe fora ninho e conforto em dias mais felizes.

Lembra-me o meu anniversario, passado ante-hontem pela quinquagesima quarta vez, que me trouxe pungentes recordações da infancia, dessa dulcissima quadra em que me parti com alegres companheiros a trepar a montanha da vida, cheio de illusões, de sonhos de futuro, de meir de gloria, colheendo as flores do caminho, ouvindo as symphonias dos passaros, fruindo as esplendorosas paisagens da natureza, a rir, a cantar, a correr, a passar dias felizes em festas, a gozar as delicias do amor, como si fora eterna a juvenidade, malherivel o vigor do corpo, e ao chegar ao topo, só, desiludido, alquebrado pelo cansaço da viagem, descorrimos-se-me o lado opposto extremamente triste, sombrio, sem vegetação, sem passaros, onde em vez das alegrias reia um silencio que molesta, em vez dos gosos do amor uma tristeza no me que enregelou, em vez da doce claridade um céu opaco, e lá em baixo, n'uma confusão indescritivel de sonhos, vasto espaço coberto de tumulos, a que sobrepuja a escuridão da morte, em torno da qual esvoicam com lugubre sussurro d'azuis negros, molhos a gemerem pois longos, tristonhos, doloridos como o cauto do reporem.

Comovido voltei-me e ouvindo ainda desse lado os sons de dulcissimas musicas, os celos de risos simultaneos, o es regato de festas intimas, uma interminavel alegria, e por toda a parte movimento, animação, rumores, scenas de gozo, e auctas aprasiveis, continua primav'ra, corações abertos ao prazer, céu azul, luz suave, e a quiz retroceder; mas impossivel! uma força ignota, sobrehumana me impellia a machar.

Então, antes de seguir, lancei um

ultimo olhar aquellas paragens afortunadas, ninho das minhas delicias; disse adeus á minha mocidade, ás minhas aspirações, ás minhas esperanças, aos amigos que me haviam abandonado, aos encantos da vida, e com a alma em anseios, os olhos rasos de pranto, comecei a descer vagarosamente a ladeira que vai ter ao cemitério.

ANDRÉ CARNEIRA.

Despedida

En sei q' cás partis, ex sei q' cás deixas

*A nossa pobre aldeia
E as terras onde o mar
Soluçava sobre a areia.*

De teu formoso olhar cás dars a luz radiante

*A um outro lugar!..
Ah! como—olho amante—
O mar vai soluçar!..*

*No lindapartida, os aldeões chorosos
Nas praias has de ver
E eu hei dos mais saudosos
O mais saudoso ser.*

*As pombas, o ribeiro, o cale e as coiletas
Ficarão a chorar
E eu sei que as borboletas
Morrerão de pesar!..*

*Ah! como vai ser triste, agora, nossa
oída*

*E as noites sem luar,
Até que, flôr querida,
Tu tornes a collar!..*

Minas—1894.

BENTO ERNESTO JUNIOR

O TREM DE FERRO

(AO ALMEIDA BRAGA)

I

Da pequenina palhoça ao lado do leito da Estrada, quando o trem de ferro passava, altaneiro como uma aguilha que fosse rastejando a superfície da terra, uma creança de oito annos, si tanto, olhava o monstro sumir-se sibilando pela encosta da serra, além, até perdê-lo de vista. Então quedava-se silenciosa e triste, e logo a expansão do seu pesar e odio de coração infantil se traduzia nas duas lagrimas que lhe corriam pela face rosada e pequenina, que ella enxugava com a manga da omeisa muito alva, sagrada de leve pelo vento...

Era um odio mortal, incompreensivel n'um coração tão pequeno ainda, esse que aquella creança consagrava ao trem de ferro, que passava defronte da humilde palhoça de sua mãe.

Para outra qualquer a passagem do trem seria um divertimento. Ao apito da machina, porém, as lagrimas inundavam-lhe os olhos, e, quando ella enfrentava a pobre palhoça, nada fazia conter os soluços d'aquella innocente creança.

II

Dois annos antes aquelles logares

eram quasi desertos. Apenas se ouvia ali os tiros das pedreiras e o malhar das picaretas dos trabalhadores da linha.

Agora quem passasse no trem por aquellas paragens, olhando pelas portinholas, veria um mundo de casas de palha, rodopiando como phantasmas de um lado e d'outro da Estrada.

Uma d'essas casas pertencia á mãe d'aquella creança de oito annos e de um irmãozinho menor, filhinho do feitor Anselmo, sepultado não se sabia bem em que lugar a 25 de Março de quasi dous annos atraz.

III

Ha dous annos tambem, mais ou menos, o serviço da linha chegara por aquellas paragens.

A turma do Anselmo é que avançava na frente. Tinham agora de romper o corte talvez mais alto de toda a linha.

Como é costume, para abreviar o serviço, tinham-se feito muitos cachimbos de ambas as ribanceiras do corte. Os trabalhadores cercavam-nos pelo pé, e, quando ameaçavam desabar, afastavam-se rapidamente, ouvindo de longe o fracasso do montão de terra.

E era assim que a turma do Anselmo, que avançava na frente, ia rompendo o corte talvez mais alto de toda a linha da Estrada.

Uma manhã, o feitor, que ia sempre adeante, não teve tempo de desviar-se, quando o cachimbo mais alto da ribanceira á direita ameaçou cair, e o montão de terra pegou-o em cheio e á tres homens mais que ficavam ao pé d'elle.

Estes, porém, a custo resurgiram mutilados d'aquelles escombros e pre-dispunham-se do novo para o trabalho, sem consciencia de que alguém tivesse sido victima n'aquella catástrophe. Quando começaram a remover todo aquelle montão de terra para o aterro que ficava perto, no desambar do alto, restos desagregados de corpo humano e a terra humida do sangue, trouxeram aos trabalhadores mais que um presentimento—a prova da morte de um companheiro. E estavam ali só onze, faltando o feitor que d'esta vez não teria ido, com certeza, como de costume, tomar café na sua palhoça defronte.

Era, sim, um morto sem sepultura, ou tendo por descansa eterno do seu corpo toda aquella extensão de terra ensanguentada, por onde passava agora orgulhosa a machina de ferro.

Do morto alguns ossos apenas foram encontrados no matto, a poucos metros da Estrada, debaixo de uma latada, encimados por uma cruz, como uma illusão para a pobre viuva, que ia ali rezar, ás vezes, ao toque d'Ave Maria...

IV

E eis porque aquella creança de oito annos de idade chorava quando via passar o trem e soluçava quando a machina de ferro enfrentava a sua humilde palhoça, passando altiva pelo terreno, que era em verdade a sepultura rasa de seu pobre pa...

EDUARDO SABOYA.

Mensagens

*Oh! fugida irmã! Oh! Primaceira!
Quadra feliz dos meus primeiros annos!*

*Quanta illusão omi!... Quantos enganos!
Doces e santos! Flores, musgos, héros.*

*De teus seios risinhos quem me deu
Ver e beijar de novo!... Kaos desengano.
Que minha alma feriram deshumanos.
Voltar a face e rememorar-me ao q' era*

*Oh! minhas noites placidas, serenas,
Como tuos amor adoro apaixonado!
Como ainda sinto o cheiro das cerebras...*

*Das trevas, murtas, o chorar calado...
Não collorriagunais, noites amenas!
Noites de Amor, oh! noites do Passado!...*

Carri, 30 de Junho de 1895

X. DE CASTRO.

BIBLIOGRAPHIA

Um inorjado, por AFFONSO CELSO—
EDITOR DOMINGO MAGALHÃES—
CAPITAL FEDERAL.—1895

Este recente trabalho do ferundo e brilhante escriptor Affonso Celso é, já o sabem os nossos leitores, dedicado á Padaria Espiritual, que considera esta gentileza como o mais precioso premio dos seus esforços em prol das letras coenrenses.

Estariamos por isto incuriosos em suspensão si não se tratasse de um escriptor que já não está sujeito ás contingencias de uma condemnação possível por parte da critica sã e imparcial.

A vida litteraria de Affonso Celso tem sido até hoje uma marcha ascendente em ruído da gloria.

Aliviado das preocupações politicas, envolvido pelo ambiente vivificante do lar, elle enveredou pela estrada suave da litteratura, que sem demora se lhe juncou de flores.

A sua pujante fantasia, ao serviço de um estylo firme e elegante, tem explorado diversos vícios das letras e em todos faz pingues colheitas de finas gemmas.

Um inorjado é de todas as suas obras a unica que tem as qualidades essenciais de romance, visto que *Lupe* é pura e simplesmente um bello poema em prosa.

Na obra que estamos apreciando, faz Affonso Celso o estudo psychologico da *inorja*, este desgraçado sentimento que domina tão despoticamente certas organizações doentias, infernizando-lhes a vida, lhes fazendo suppur transbordante de mel a taça alheia e de fel a propria taça.

O *inorjado* nesta obra é Juquinha, rapaz bonito, elegante, filho de milhoarrio, creado ás soltas, perdulario e estouvado; o invejoso é Antenor, pauperrimo, exquisito, taciturno, retrahido e a todo o instante mordido de surda inveja pelas brilhantes exterioridades do Juquinha, apesar das at-

tenções que este lhe dispensa o que não conseguem vencer-lhe d'alma o inconfessável sentimento que nella se abrigou e a culpa incessante e dolorosamente.

A incondicional inveja de Antenor pelo Juquinha não se modifica mesmo quando este se casa com sua irmã e, embora sem implicar a amizade que chega a sentir pelo cunhado, continua a invejar-lhe a distincção, as caruagens, a fortuna e as próprias estronices de que é incapaz o seu temperamento de hyssanthropo.

Este estudo da inveja forma o fundo psychologico da obra, em que se encontram tambem estados parecidos de tipos profundamente verdadeiros como a velha —reta Felicia, que criou o Juquinha e lhe vota uma affeição idolatra.

Este amor, que lhe substitue o materno, é o unico esteio serio da sua vida affectiva, e é para a Felicia, a *maison*, que elle volta os olhos nos angustiosos momentos da sua vida tumultuosa e desordenada.

Ha no livro paginas de uma vida intensa e palpitante como aquellas em que o autor descreve as dolorosas scenas da molestia e morte do pobre Zulmirinha, e consequentes attribuições do invejado Juquinha.

Muito interessante é a parte da obra que, incidentalmente, trata de recentes acontecimentos politicos, com especialidade dos de 23 de Novembro.

Nas entrevistas que teve Juquinha com Deodoro e Floriano, debuxa o autor as physionomias dos dois marcehas a fração de uma precisão photographica.

O estilo é em toda a obra uniforme: períodos curtos, adjectivação incisiva, vocabulario rico, construcções cuidadas, conceitos vehementes em que transparece a insinuante individualidade do autor, taes são os caracteristicos da *maneira* litteraria de Affonso Celso, tanto nesta como nas demais obras que tem publicado.

Pela simplicidade e clareza da phrase, percebe-se bem que elle não pertence ao numero de escriptores, para os quaes o trabalho litterario é torturante, penoso e esfallador; sente-se que a idéa vem-lhe ao bico da penna, sem devaios, sem sinuosidades, sem lhe deixar no cerebro a sensação dolorosa de uma desagregação forçada.

E é nesta espontaneidade, nesta segurança de dominador da forma, que reside a sua apreciavel fecundidade, da qual muitos bellos frutos espera ainda a litteratura brasileira, para cuja prosperidade actual tem brillantemente concorrido.

E eis aqui desalinhavadamente o que me suggeriu a leitura do ultimo livro de Affonso Celso, a quem abraço effusivamente em nome da Padaria Espiritual.

M. J.

DOUS MENDIGOS

(AO RODOLPHO TROPHILO)

*Um dia acompanhei um pobrezinho,
(Certamente mais por curiosidade*

Do que por compaixão....)

Corri toda a Cidade.

Encontrou-o padeiro; «perdoe, irmão!

Foi-se o pobre; e decoreas contristado

Regressi para minha habitação...

Paz-me pensar. — que saara identida-

de

He entre mim e aquelle desgraçado!

— D'elle, fugindo sempre a Caridade,

De mim, sempre fugindo um Coração.

Coard. — 1895.

LOPEZ FILHO

A NOSSA CORRESPONDENCIA

MARANHÃO. 2 DE JANEIRO DE 1895.
Ilm. Sr. Moacyr Sargma. De-vancece-me sobremento a communicação que me fizeis em circular, que robei, de haver a Padaria Espiritual me conferido a honra de escolher-me para seu socio correspondente n'esta cidade.

Para convencer-me de que podia aceitar a distincção, ponderaes que o encargo não é dos que se dizem penozos, de onde é obvio inferir que deslizará em mar de rosas, sendo facil a qualquer desempenhá-lo. Assim o compreendo tambem; mas em consciência, para o caso de que se trata, eu creio que hade sem, euho e desempenho.

Se metivesse a cabeça ás mãos o *Retrospecto*, que dizeis haver reuettido, talvez eu não tivesse adstricto a essa creença, porque pode ser que d'elle colhesse uma idéa de como se pode melhor desempenhar o encargo que me comettestes.

Espero de vossa bondade que me enviareis outro exemplar do *Retrospecto*, e que direis de mim a Padaria Espiritual que tera em seu escolhido nesta cidade um representante que sente a responsabilidade do mandato e se esforçara por corresponder a sua confiança; tanto é a sympathia que me inspira esse nucleo de rapazes que ouzara affrontar a chafiz do burguesismo contemporaneo, procurando o aperfeiçoamento do espirito que alenta e vivifica a uma diffusão de força e de luz. Saudovos. «O rei che preto *Flanetto d'amore*. J. F. GROMWELL. —

BELEM. 5 DE NOVEMBRO DE 1894.
Estimado amigo. — Penhou-me a vossa descreção, escolli então-me para representante, em Belem, da Padaria Espiritual, desigualdade de socio correspondente. Envolarei todos os esforços possiveis para corresponder a escolha da Padaria Espiritual, tendo em vista a divisa vossa — amor e trabalho. — Sou, crendo, obrigado. RAUL DE AZEVEDO.

TAMANDA. (MINAS) 18 DE NOVEMBRO DE 1894. *Illustrado confrade Moacyr*

Juana. Quero merecer de sua bondade e especialismo obsequio de agradecer por mim aos illustres padeiros d'esse forno abençoado a minha consideração que dispensaram gentilmente ao humilde irmão em letras a honra de socio correspondente.

Do ha muito meu espirito tem voltado suas sympathias para esse apocoso grupo de rapazes que, no extremo norte tanto honra a litteratura patria.

Offerecem-me agora occasião de entrar em relações com a brilhante plei d'.

Agradeço-lhes tão grande favor e rogo-lhes dignem-se enviar-me alguns pões, que amoso vivo por devorá-los. Já os procurarei em diversas confortarias, sem ter podido encontrá-los. «Amor e Trabalho.» BENTO FERNES-TO JUNIOR.

Contrastes

(LENDY UNS VERNOS DE A. SALES)

*Emquanto eu lendo aquelle s. cexos,
Que fallaram de lagrimas e pranto,
Vinham-me pensamentos e dicitos,
E eu desfuzco o riso. No entretanto.*

*Am passo que a leitura proseguia,
Sonora corda na men ser cibrado,
E na última estrophe da poesia
Tu fallavas em risos, e eu... chorava.*

BRUNO JACY.

RECADOS

O assombroso noticiaria *Chamber* Son diz que mais uma vez ha de chamar a *Revista Illustrada* — «immenso, ultra-pyramidal, gigantesco.»

Que bella adjectivação!

(Os Srs. Pery & Coelho não estarão precisando de um secretario?)

A proposito de R. B. G. S., poeta que publica diariamente na *Tribuna do Povo* d'A Republica uma embirica de sonetos, envio-me o meu collega Anatolio o seguinte espirituoso soneto:

MAIS UM

*Mis um poeta. — o R. B. G. S.,
Que apparece depois do Carnaval,
Tangendo a lyra de maneira tal,
Que, quem o lê, desverte a senalidade.*

*E' lagoso o poeta e é marcial
O modo com que fala, pois parece
Trazer em vãos carada mesa
De mil concitas, e etc. e tal...*

*Fabula amor, ao cên, do ai, dos amores
Das suas acoquas, de intimos fezores
Numa auto-biographia não e publica*

*Se o burdo não se cobre de laureis
E' optimo freguez para «AR» publica,
Pois deira por soneto 28000*

Em um conto publicado ha dias, narra o Sr. Carlos Severa a formação de Eva.

Enumerando as prendas com que Deus, para desgraça nossa, mimoseou a mulher, diz que elle lhe deu o *passo rylhimado das hebreas*, donde se deprehende que antes de haver mulher já havia hebreas.

Entrego ao julgamento dos competentes esta profunda revelação historica.

M.

O sereno

AO SABINO BAPTISTA

O dia 13, marcado para o casamento da Esther, filha do Coronel Salomão era [chegado, e logo pela manhã toda a gente fallava n'esse acontecimento extraordinario.

—E' festão, diziam todos; a cauda da noiva tem quatro metros, e a mesa foi contractada por um conto de réis!!!

A Tolonia, Marica, e Joaninha, filhas de Valdevino, andavam pela vizinhança fazendo alarde, e a cada pessoa que passava perto ou longe de sua casa ellas com a gritaria do costume, perguntavam ao mesmo tempo e apinhadas sobre uma mesma janella:

—Vai ao sereno do casamento da Esther? Está uma mina!

—Só a cauda da noiva tem quatro metros, e a mesa foi contractada por um conto de réis!...

—Hoje sae cinza!...

Já eram duas horas, e as filhas do Valdevino estavam anciosas pelo sereno, e soffriam por saberem em que igreja se realisaria o casamento.

A's quatro horas da tarde, depois de muito perguntarem aos transeuntes, poderam receber informações de um moço, o qual dizia que o civil já havia realisado ao meio dia, e a cerimonia religiosa era na Sé, ás nove horas da noite.

Esta nova em breve espalhou-se pela vizinhança e mais tarde portada a parte.

—Ora, dizia uma d'ellas, o civil já se realisou, mas não estão casados, falta ainda o catholico; eu cá, emquanto não levar agua benta, não me julgo casada.

Isto era dito pela mais velha, uma mulher-cauhão, desdentada, feia, cuja incompatibilidade para o casamento era quasi certa.

Logo ás 6 horas da tarde o povo surtiu de todas as esquittas, a igreja começava a encher-se.

Mulheres, homens, crianças, tudo vinha ver a cauda de quatro metros.

As filhas do Valdevino foram as primeiras a chegar. Vinham alegres, roncadas, fallando com umas pessoas, com outra, dizendo a todas as moças conhecidas, com uma voz affiantada:

—Como vai, meu bem? como vai, minha neta?

E riam-se, riam-se de alegria...

A's sete e meia houve o casamento

de um soldado de policia com uma engommadeira.

E a igreja a encher-se...

O relógio da Sé annunciava 8. q. 10 horas, e o casamento da Esther nad i.

—Isto não pode ser, gritava o sachtista; saia mau povo, que eu quero fechar a igreja.

—Que fechar igreja, responderam as filhas do Valdevino, e o casamento da filha do Coronel Salomão?...

—Qual casamento, qual nada! respondeu o sachtista, já se realisou hoje na missa das dez horas.

As filhas do Valdevino gritaram, empunharam, fallaram, ficaram verdes, amarellas, de todas as cores e sahiram da igreja a chamar toda a gente sem educação, canalha, povo sem brio, etc.

E os serenistas não lograram ver os nivos que... já dormiam pacificamente.

Março—95.

GIL NAVARRA.

RECORDAÇÕES

Sonhei sonhos de luz, de etherea cor...

Sonhos azues... uns sonhos ideaes! Sonhos que se creataram aos ardores De gosos, gosos que não voltam mais

Que vezes adorei as rubras flores, Vivas aos beijos puros matinaes... E eu ao seu lado, a sós, quantos amores...

Quantos idylls, quantos, nos roseos!

Dedoce e puro affecto ambos unidos, N'essa florea manhã de adolescencia, Um junto ao outro pelo amor unidos

Sorrimos... Mas depois fatal auspéria Nos afastou... Eubora! embecidas Inda vivemos dessa doce essencia!

FRANCO DO VALLE.

Heliotropia

Manchado de nuvens escuras, prontos d'agua, o céu quedou numa paz sombria. Nem vent, nem aves, nem clarões de sol. Unicamente o espaço, numa intermina paz, num infinito aquecimento de cupula luctuosa. Pelas arvores havia um verde tenro e um brilho vivo de gottas que cahiam.

Olhando a quietude do ar, ella sentia qualquer coisa que não era dor e nem tambem saudade. Uma especie de melancholia suave, de mysticismo doce, que só em frente os altares ella sentia. Nos seus olhos, cõr de esperança voltados para o céu, havia o mto no brilho vivo de gattas cibadas dos arvores. Na sua alma em flor, azul, mas de um azul ternissimo e vago, in-se-degabrando lentamente um véo da cõr de um crepusculo arrastando-se pelos rostos a fóra.

Assim, nessa mortidez quieta, sustentando a respiração e espícos, para me-

lhor haurir um brando perfume que ella até então não conhecera, continuava de olhos voltados para o céu, que agora agora ia clareando aos poucos porque as nuvens se afastavam umas após outras num cortejo lugubre e silencioso.

O vento voltava e com elle o sol. E ella, affagada na meia luz que bruxolejava, foi experimentando uma commo renascença de todo o seu ser para a qual a alegria voltava mais cahora, mais cantante e mais primaveril.

E esforçando um riso, comprehendendo então o que a mortificava: era a falta do sol, o seu grande amigo e amigo das flores, que quando ausente, deixa n'alma esse doce mysticismo que ella só sentia á vacillante luz das velas, dos altares.

ROBERTO DE ALENCAR.

11—3—95.

CARTEIRA

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Terminando com o presente n.º o primeiro trimestre da publicação d' «O Pão», pedimos aos nossos amáveis assignantes do Interior e dos Estados o inestimavel obsequio de mandarem, sem perda de tempo, reformar suas assignaturas, a fim de não lhes ser interrompida a remessa desta folha.

Chamamos para este assumpto a attenção dos nossos estimaveis correspondentes.

ANTONIO DE CASTRO

Do Aracaty, por onde andou se refazendo e afluindo a lyra, chegou li, diaz este nosso presado confrade.

O Antonio de Castro veio barbaudo e gordo, encardinado numa rija musculatura de sertanejo. Para o proximo numero prometteu-nos elle alguns versos feitos a sombra das copadas carinhubeiras do Jaguaribe.

Esperem, pois, os leitores.

EUTHYCHIO GALVÃO

Fez-nos suas despedidas, ao seguir para a Capital Federal, este distincção official que é tambem um inspirado poeta.

Bom viagem e boa fortuna em seus estudos lhe desejamos.

PIUSA DE PONTES

O esperançoso poeta Piusa de Pontes, seguindo para o Aracaty, onde foi em visita a sua Ext.ª familia, teve a gentileza de nos enviar o seu cartão de despedida.

Que os ares do torrão natal e as carinhosas cãs paternas lhe sejam propícios e lhe fecundem a imaginação de sonhador.

PREPARADO PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Únicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difíceis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite e tosse, tosses rebeldes, escarros de sanguisica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exacerbações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal calculo ou pedras, rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICA. Cura em pouco tempo blenor-rhagias recentes ou chronicas.

POS DENTIFRICOS. Alveão e conservação os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

110 Rua do Major Facundo 110, Ceará.

Aguilar

O proprietario desta acreditada loja de modas apressa-se em saudar a sua *amavel frequencia*, fazendo votos para que o corrente anno lhe seja todo de venturas.

E outro sim: cumpre-lhe chamar a attenção para os lindissimos artigos que acaba de despachar.

A mais chic *de mais lbe* e o mais exigente *d'only* encontrão com que satisfazer os seus elegantes caprichos, procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69. RUA MAJOR FACUNDO, 6

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO,

Manoel Pereira dos Santos.

108 B Rua Formosa 108 B

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DENTE ESTABO

Joias de ouro, **brilhantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. **Relogios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Wildt & Co

RUA DO MAJOR FACUNDO, 70

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 44

31--Caixa do Correio--31

Confucio Pamplona & C^a

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uso domestico desde a sala de visitas á cosinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cosinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hoteis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candleiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da --França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objetos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61-- Rua do Major Facundo--59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

«Estrella do Oriente»

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pelo esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

42— Rua do Major Facundo—52.

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

Approvados pela Inspectoria de Hygienic do Estado

AGUA IGLEZ

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga **Agua Inglesa** em todos os casos em que se faz mister a applicação d'este agente therapeutico.

Como tonico, anti-febril é um poderoso estimulante do organismo depauperado por graves enfermidades e um estomachico de primeira ordem.

Xarope peitoral de angico composto
Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchite, asthma e toda affecção pulmonar.

PRAÇA DO FERREIRA N.º 6.

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia tem inventado em elegancia luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, Rua Major Facundo, 54.

A'S NOVIDADES

Reabriu-se a concorrência este conhecido estabelecimento da nossa praça. Especialidade em quinquilharias, louças, vidros, e artigos para uso domestico.

Proprietarios,

CASTRO SILVA & C^a.

56--Rua Major Facundo--56

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 46.